

Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social*

Richard Bauman

Folklore Institute, Indiana University, Bloomington, Indiana, EUA

Charles L. Briggs

Departamento de Antropologia, Vassar College, Nova Iorque, EUA

Tradução

Vânia Z. Cardoso

Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina

Revisão

Luciana Hartmann

Departamento de Artes Cênicas, Universidade Federal de Santa Maria



Introdução

Estudiosos têm oscilado há séculos entre duas avaliações opostas do papel da poética na vida social. Uma longa tradição de pensamento sobre linguagem e sociedade argumenta que a arte verbal oferece uma força dinâmica central na configuração das estruturas lingüísticas e nos estudos de lingüística. Este ponto de vista emerge claramente nos textos de Vico, Herder, e Von Humbolt. As considerações de Sapir, dos “formalistas” russos, e de membros da Escola de Praga sobre o papel da poética, contribuíram para o desenvolvimento dos estudos de performance e etnopoética nas últimas duas décadas. No entanto, a poética tem sido freqüentemente marginalizada por antropólogos e lingüistas que crêm que os usos estéticos da linguagem são meramente parasitários de áreas “centrais” da lingüística, como a fonologia, sintaxe e semântica, ou de campos da antropologia como a economia e a organização social.

O balanço entre estas duas perspectivas deslocou-se a favor da poética no final dos anos 70 e início dos anos 80, quando uma nova ênfase na performance desviou a atenção do estudo da padronização formal e do contexto simbólico dos textos, para a emergência da arte verbal na interação social entre atores [*performers*] e audiências. Esta reorientação encaixou-se bem com a crescente preocupação de muitos lingüistas com o significado indicial (em contraponto ao meramente referencial ou simbólico), com o discurso em sua ocorrência espontânea, e com o pressuposto que a fala é heterogênea e multifuncional. Tanto antropólogos quanto folcloristas perceberam que estudos fundamentados na performance correspondiam aos seus interesses em jogos, na construção social da realidade, e na

reflexividade. Uma das dimensões que estimulou de modo especial muitos pesquisadores foi a maneira como performances deslocam o uso de recursos estilísticos heterogêneos, significados suscetíveis ao contexto, e ideologias conflitantes, para uma arena onde estes podem ser examinados criticamente.

Diversos panoramas históricos e avaliações críticas desta literatura estão disponíveis (28, 33, 35, 36, 39, 40, 63, 93, 166, 237). Portanto, voltamos nossa atenção para várias questões teóricas básicas que têm moldado tanto a maneira como pesquisadores estudam a performance, quanto sua rejeição por outros. Estes problemas são evidentes no modo como termos-chaves tais como performatividade, texto e contexto têm sido definidos, e nos pressupostos usados para defini-los. Nossa ênfase nestes temas teóricos mais abrangentes é contrária à crescente tendência a tomar esta área de estudos como “a perspectiva performática” [*performance approach*], minimizando, desta forma, o heterogêneo leque de fontes teóricas que lhe deram forma e reduzindo a performance ao estatuto de uma fórmula para análise da comunicação habilidosa [*artful communication*]¹

Primeiro, examinamos vários pressupostos cruciais tanto dos partidários quanto dos críticos às pesquisas da poética. Estas concepções metafísicas implícitas tomam idéias culturais e historicamente específicas sobre a natureza da linguagem e seu papel na vida social e as elevam ao nível de teorias supostamente objetivas e universalmente aplicáveis. Argumentamos que tais suposições são não somente limitadas e etnocêntricas, mas também freqüentemente abalam a capacidade de estudiosos de capturar o caráter heterogêneo e dinâmico do uso da linguagem e o papel central que este ocupa na construção social da realidade. É importante reconhecer a especificidade histórica e cultural e o etnocentrismo do pensamento ocidental sobre a linguagem e sociedade, e explorar uma gama maior de alternativas. No contexto destas questões mais amplas, a pesquisa centrada na performance compartilha alguns dos objetivos centrais da desconstrução (80), das teorias de recepção [*reader-response and reception theories*] (154, 244), da hermenêutica (207), da “poética e política” dos textos etnográficos (75), e dos estudos culturais (71).

Os estudos de performance podem fazer uma contribuição sin-

gular a este projeto mais amplo. Como muitos autores já enfatizaram, performances não são simplesmente usos habilidosos [*artful*] da linguagem que se distanciariam tanto da vida do dia-a-dia quanto de questões mais amplas acerca do significado, com sugeriria a estética Kantiana. Na verdade, performance oferece um enquadre que convida à reflexão crítica sobre os processos comunicativos. Uma dada performance está ligada a vários eventos de fala que a precedem e sucedem (performances passadas, leituras de textos, negociações, ensaios, fofoca, relatos, críticas, desafios, performances subsequentes, e similares). Uma análise adequada de uma única performance requer então estudos etnográficos sensíveis a como sua forma e significado são índices de uma gama mais ampla de tipos de discurso, alguns dos quais não são enquadrados como performance. A pesquisa centrada na performance pode gerar uma maior compreensão de diversas facetas do uso da linguagem e suas interrelações. Já que as contrastantes teorias da fala, e suas preposições metafísicas correlatas, abarcam mais do que apenas o evento de discurso em si, os estudos de performance podem abrir um campo mais amplo de perspectivas sobre como a linguagem pode ser estruturada e quais papéis pode exercer na vida social.

Estudos centrados na performance desafiam concepções ocidentais dominantes ao instigarem os pesquisadores a enfatizar a organização cultural dos processos comunicativos. Linguistas, é claro, há tempos desconsideram o ponto de vista dos falantes nativos sobre a estrutura e uso da linguagem; Boas (51), por exemplo, fez referências a tais concepções como “explicações secundárias,” e as considerou irrelevantes, distrações e evidentemente falsas. Antropólogos, por outro lado, freqüentemente seguem Malinowski (172), alegando representar “o ponto de vista nativo” (ver 106). Apresentações do “modelo nativo” ou “teoria” geralmente deixam de lado as dificuldades em derivar perspectivas indígenas exclusivamente dos conteúdos referenciais dos dados solicitados. Elas também tendem a ignorar o fato que fatores como gênero e classe social freqüentemente geram perspectivas discordantes sobre a linguagem e vida social. Para fazermos um uso mais fidedigno do meta-discurso dos falantes nativos sobre a lingua-

gem, precisamos tomar os atores [*performers*] e membros da audiência não como simplesmente fontes de dados, mas como parceiros intelectuais que podem fazer contribuições teóricas substanciais a este discurso. Também precisamos desenvolver uma percepção mais aguçada da maneira como o discurso é gravado e analisado.

Como etnógrafos da performance, vemos a tarefa de desconstruir concepções ocidentais dominantes acerca da linguagem e da vida social como uma faceta vital e contínua de um projeto mais amplo. Dessa forma, nos voltamos, mais a frente, para a tarefa complementar de explorar maneiras alternativas de conceber a performance (“Entextualização” e “Descontextualização”). Buscamos oferecer um enquadre que desloque noções reificadas e centradas-no-objeto, acerca da performatividade, do texto e do contexto – noções que pressupõem que cada performance esteja contida em uma única e limitada interação social. Atendendo à demanda por uma maior atenção à dialética entre a performance e seu contexto sociocultural, político e econômico mais amplo, enfatizamos o modo como a padronização poética extrai discursos de certos eventos de fala em particular, e explora sua relação com uma diversidade de contextos sociais.

Descentramento e recontextualização têm poderosas implicações para a condução da vida social. A investigação de como este processo acontece, e de como indivíduos obtêm direitos a certos modos de transformação da fala, pode então iluminar questões centrais para antropólogos, lingüistas, folcloristas e estudiosos de literatura.

Da performatividade à construção social da realidade

Em *How to do things with words* (13), J.L. Austin despertou entusiasmo, assim como controvérsia. Sua rejeição ao foco exclusivo em uma semântica de valor-verdade, em prol de uma visão do uso da linguagem como ação social que emerge no “evento de fala total” [*“total speech act”*], repercute na ênfase dada por Bauman às propriedades emergentes da performance (26, 33). O impacto desta caracterização do uso da linguagem como ação social, por teóricos do ato da fala como Austin (13), Grice (119) e Serle (219-221), foi intensificado por sua ressonância com a ênfase dada por Sapir ao caráter dinâmico da

linguagem (214, 173); com a caracterização pela Escola de Praga da multifuncionalidade dos signos (105, 176, 186, 187); e com a visão de Malinowski da linguagem com um “modo de ação” em vez de primariamente uma “maneira de pensar” (170, 171). Os trabalhos de Bateson (25) e Goffman (109, 110) também foram influentes neste sentido.

Dizer que o uso da linguagem é uma ação social é, no entanto, muito mais fácil do que desenvolver perspectivas que possam identificar e explicar a natureza deste dinamismo. Como Levinson (163) aponta, a teoria do ato de fala [*speech act theory*] tem se baseado numa “hipótese de força literal”, que postula uma correlação de um-para-um entre as elocuições performativas e as forças ilocucionárias, mesmo se a maior parte dos teóricos admite que formas superficiais, freqüentemente, não indicam diretamente força ilocucionária. Silverstein (229) sugere que a teoria do ato de fala, em última instância, retorna ao mesmo reducionismo referencial que condena, ao afirmar que o conteúdo semântico de “verbos explicitamente performativos” pode ser usado na correlação entre tipos de elocuições performativas e a força ilocucionária. Esta equação torna-se gritante na conclusão de Austin de que, haja visto que falta “precisão” (isto é, sutileza referencial) às “línguas primitivas”, performativos explícitos também estarão ausentes; será, desta forma, impossível, fazer claras distinções entre as forças ilocucionárias. Muito mais do que a reputação da própria teoria do ato de fala depende da resolução destes problemas – eles forçam estudiosos a enfrentarem questões básicas recorrentes, referentes à estrutura versus o evento, aos elementos independentes do contexto versus elementos pragmáticos da linguagem e ao papel da linguagem na vida social. Pesquisas centradas na performance, particularmente estudos de discursos políticos e rituais, têm ocupado um papel especial nesta tarefa.

A análise centrada no discurso argumenta que uma ampla gama de características formais pode sinalizar a força ilocucionária de enunciações, freqüentemente à parte ou à despeito de seu conteúdo referencial. Uma das asserções mais controversas é a caracterização da retórica política em sociedades “tradicionais” feita por Bloch (50).

Ele argumenta que o estilo oratório coloca grandes limites na forma lingüística, suprime a criatividade, e reduz a importância de referências; ainda assim, este processo de formalização aumenta imensamente a capacidade dos falantes [*speakers*] obterem o desfecho desejado. Mesmo se muitos autores têm atacado Bloch (60, 147, 192, 199), seu trabalho tem levado pesquisadores a examinar a maneira como a performatividade pode estar ligada a um amplo leque de elementos e padrões formais. Hanks (124) argumenta, por exemplo, que a formalidade da fala ritual maia de Yucatec não impossibilita respostas criativas à história pessoal do xamã e ao parâmetro contextual da performance. McDowell (180) sugere que a formalização da fala ritual diminui sua acessibilidade tanto a atores [*performers*] em potencial quanto a audiências; esta supressão da função referencial aumenta sua eficácia. Ela também argumenta, em um estudo de adivinhas (178: 22-30), que o enquadre da fala como performance pode marcar uma suspensão ou inversão das condições fortuitas delineadas por Austin. Análises de conversação, tais como as de C. Goodwin (111), M. Goodwin (115), Moerman (184), Sacks (212, 213), e Schegloff (216, 217), têm focado a organização seqüencial da conversa, argumentando que a função comunicativa de uma enunciação é relativa à sua localização na seqüência linear do discurso. Em algumas comunidades de fala [*speech communities*], a alternância de códigos [*code-switching*] oferece uma maneira importante de transformar a força performativa das enunciações (10). Hill (135) fundamenta-se em Bakhtin (18) e Volosinov (251), ao argumentar que as alternâncias de código podem intensificar a atenção para com as linguagens e variações em competição, de tal forma que identidades, relações sociais e a constituição da comunidade em si são abertas à negociação (cf. 136).

De maneira semelhante, um número de pesquisadores, baseados no trabalho de Jakobson sobre o paralelismo (72, 151-153), têm demonstrado a maneira como as construções paralelísticas, tanto no nível micro quanto no macro (230, 248a), podem sinalizar a força ilocucionária. Haviland (131) argumenta que a autoridade dos anciãos para a mediação dos conflitos emerge de suas habilidades em deslocar uma cacofonia de vozes iradas através do uso daquilo que incorpora a quintessência da ordem lingüística e social zinacanteca – as duplas

rituais; muitos exemplos semelhantes, da Indonésia do Leste, estão disponíveis em um volume recente, editado por Fox (101). Urban argumentou que a estilização cultural das incorporações sonoras do choro, sinaliza tanto afeto quanto sociabilidade nos rituais de lamento (250).

Outros estudos têm também sugerido que a performatividade não está localizada somente em traços formais específicos, mas em unidades formal-funcionais mais amplas. Abrahams (3, 6) e Bauman (32) baseiam-se em Bakhtin (17, 18), Bateson (25), Goffman (109, 110), Huizinga (137) e Turner (245, 246), ao argumentarem que os enquadres das brincadeiras não somente alteram a força performativa das enunciações, mas oferecem situações onde a fala e a sociedade podem ser questionadas e transformadas. Estruturas de participação, particularmente a natureza da alternância de turnos e a interação ator[*performer*]-audiência, podem ter implicações profundas na formação das relações sociais (50, 60, 88, 113-115, 134, 188, 227, 248).

Vários autores têm sugerido que o gênero [*genre*] tem um papel na configuração da força ilocucionária (2, 9, 37, 44, 56, 59, 63, 117, 117, 125, 140, 204). Estes trabalhos sugerem que gêneros são muito mais do que conjuntos isolados e auto-contidos de traços formais. Uma mudança de gênero evoca funções comunicativas contrastantes, estruturas de participação e modos de interpretação. Além disso, a capacidade social de certos gêneros e a relação entre gêneros, são, elas mesmas, padronizadas de tal modo que dão forma e são formadas por gênero [*gender*], classe social, etnicidade, idade, tempo, espaço e outros fatores (2, 4, 8, 9, 32, 37, 55, 63, 108, 118, 162, 223, 225). De maneira similar, a busca de um foco interativo em particular (ensino, exortação, aproximação, confronto etc.) geralmente envolve mudanças de gênero negociadas, onde elementos de um gênero são mesclados a traços de outro. O trabalho pioneiro de Bakhtin (18, 19) sobre esta questão tem ganhado profundidade e maior precisão em vários estudos recentes (5, 37, 86, 165). A força ilocucionária de uma enunciação emerge não somente de sua localização dentro de um gênero e lugar social em particular, mas também das relações indiciais entre a performance e outros eventos de fala que a precedem e sucedem (falaremos mais

sobre este tópico mais abaixo). A força ilocucionária e os efeitos perlocucionários dos depoimentos em tribunais são altamente dependentes, por exemplo, das regras sobre evidências e dos enquadres semióticos mais amplos que especificam os tipos de relações admissíveis com outros conjuntos de discurso oral e escrito (46, 77, 81, 182, 189, 190, 202, 203).

Este conjunto de pesquisas tem aumentado enormemente nossa compreensão da performatividade ao mostrar que a força ilocucionária não é simplesmente um produto do conteúdo referencial e/ou da estrutura sintática de frases específicas. As propriedades formais do discurso, unidades maiores de eventos de fala, enquadres, chaves [*keys*], estrutura de participação, e similares, não são simplesmente “condições fortuitas” (13) ou “condições preparatórias” (219), que ativam enunciações performativas auto-contidas. A força ilocucionária pode ser comunicada por uma série de elementos do micro ao macro e, mais importante, pela interação entre tais elementos. A etnografia da comunicação, a análise de discurso e a pesquisa sobre performance têm contribuído para a mudança do foco da pesquisa, de frases e elementos isolados para, nos termos de Austin, o evento de fala total [*total speech act*].

Este processo tem seguido três estágios vagamente definidos. Um número de estudos (publicados principalmente nos finais dos anos 1960 até o meio da década de 1970) aplicou o modelo teórico de Austin a uma comunidade de fala específica e/ou corpus de tipos de eventos de fala (94, 98, 99, 208). Como resultado, tornou-se evidente uma falta de adequação dos conceitos delineados por Austin, Searle, Grice e outros, às maneiras como a performatividade era concebida e utilizada em um grande número de comunidades de fala. Etnografias da fala tanto expuseram o etnocentrismo e reducionismo inerente a tais formulações quanto ajudaram pesquisadores a encontrar alternativas (88a, 141, 157, 191a, 209, 229). Eventualmente o uso da teoria do ato da fala para modelar as questões de pesquisa foi em grande parte preterido pelas, como Levinson coloca, “abordagens muito mais complexas, multifacetadas e pragmáticas, das funções que as enunciações encenam [*perform*]” (163: 283). Estudiosos orientados para a performance não pensam mais a performatividade

primariamente como o uso de elementos específicos para sinalizar efeitos ilocucionários específicos dentro de um grupo fixo de convenções e um dado contexto social. Na verdade, eles a vêem como a interação complexa e heterogênea de padrões formais na construção social da realidade. Trabalhos sob esta perspectiva (ver particularmente 9, 32, 42, 60, 701, 76, 134, 164) ressoam com as vozes de filósofos e críticos literários, tais como Burke (68, 69), Gadamer (103), Langer (161) e Williams (253), ao argumentarem que as elaborações formais não relegam o discurso à esfera de uma estética Kantiana ao mesmo tempo puramente subjetiva e cuidadosamente isolada da cognição, das relações sociais e da política. Enquanto Austin (13: 21-22) argumentou que a performance enfraquece a força performativa das enunciações, esta literatura sugere que a padronização poética, enquadres, gêneros, estruturas de participação e outras dimensões da performance chamam atenção para o estatuto da fala como ação social.

Pesquisadores podem avançar mais do que tem sido o caso, no uso do rico potencial das pesquisas centradas em performance para questionar noções já aceitas sobre a natureza da performatividade e seu papel na vida social. Três assuntos em particular necessitam de atenção crítica.

Primeiro, a relação entre características formais e a função comunicativa tem sido geralmente tratada como um meio para um fim, de tal modo que a forma torna-se significante somente na medida em que está conectada com algum tipo de conteúdo ou função. Saussure (215), por exemplo, idealizou a forma como um plano sem sentido, de sons indiferenciados, que é constituído como um conjunto de significantes arbitrariamente relacionados a unidades de conteúdo referencial. Igualmente elucidativa é sua analogia capitalista, onde ele equaciona a relação entre significantes e significados àquela entre a moeda e os bens. Algumas comunidades de fala, no entanto, consideram o som em si mesmo um lugar primário do significado. Feld (91, 92) sugere que os kalulis revertem a direção da explicação, vendo a padronização de sons lingüísticos e musicais como emanando iconicamente dos sons naturais, particularmente dos cantos dos pássaros e de quedas d'água; aqui funções de comunicação e fins

socialmente definidos são derivados de padrões formais, e não vice-versa. E. Basso (20) e Seeger (222) baseiam-se em dados da América do Sul para argumentar que a dimensão musical das performances pode dar forma à padronização lingüística e relações sociais (ver também 210, 238). Conquanto mais pesquisas sejam necessárias para dar mais clareza a essas questões, é aparente que a reificação da forma como uma coleção de recipientes vazios à espera de pequenas doses de conteúdo referencial ou força ilocucionária empobrece nossa compreensão da performance e da comunicação.

Segundo, a sugestão de Austin que a performance torna a força performativa das enunciações “vazias ou nulas” não pode ser simplesmente invertida. A performance nem sempre conecta o discurso automaticamente e de forma desimpedida a certas forças ilocucionárias e efeitos perlocucionários. Keenan (156) e Briggs (65) apontaram que performances podem, por sua própria natureza, por em questão a eficácia performativa das formas de fala, levando assim a negociações sobre a relação entre elocuições e forças ilocucionárias. Bauman (269), Silverstein (232) e, já muito antes deles, Sapir (214), mostraram como mudanças diacrônicas entre padrões de relação entre forma e significado são usadas nos conflitos entre proponentes de formas e ideologias rivais. Briggs (63: 328-31) argumenta que a fala ritual pode evocar uma forma especial de significação onde a própria distinção entre significante e significado colapsa. Bauman (26) e Hymes (142) sugeriram que a avaliação da competência dos atores [*performes*] pela audiência forma uma dimensão crucial da performance. Particularmente no discurso ritual e político, essa preocupação com forma e função é freqüentemente estendida a avaliações de como (e até se) padronizações formais tornam-se imbuídas de significado funcional.

Finalmente, teorias da performatividade pressupõem concepções acerca da natureza da linguagem e da ação social. Como Heidegger (133) argumentou, teorias ocidentais da linguagem e da poética, por sua vez, pressupõem a metafísica ocidental; Derrida (84, 85) buscou expor estas conexões ao desconstruir o discurso ocidental. A performance em sociedades não-ocidentais e em setores marginaliza-

dos das nações ocidentais industrializadas oferecem cenários elucidativos para fomentar esta procura. Tais performances não só revelam formas e funções contrastantes; concepções básicas da linguagem e da vida social também diferem (102). No caso de grupos marginalizados na periferia do capitalismo industrial, as performances frequentemente estão claramente preocupadas com a desconstrução das ideologias e das formas expressivas dominantes (63, 90, 162, 164, 194, 195, 235, 252).

Uma ilustração marcante da produtividade desta perspectiva é um artigo de Rosaldo (209). Ela usa concepções dos *ilongots* para mostrar como Searle “cai vítima de visões popularescas que localizam o significado social nos sujeitos – e desconsidera o senso de restrição situacional” (209:212). Os dados dos *ilongots* levaram-na a argumentar que a análise de Searle dos verbos performativos deveria ser lida menos como leis universais do evento da fala do que como “uma etnografia - não obstante sua parcialidade – das visões contemporâneas da pessoa e da ação, no que estas estão ligadas a modos culturalmente específicos de falar” (209: 228). (Ver também Besnier, neste volume², sobre a relação entre linguagem, afeto, e os conceitos de pessoa). Tais pesquisas, verdadeiramente dialógicas, não vêem os falantes como tolos que não possuem a habilidade de refletir significativamente sobre suas próprias condutas comunicativas. Ao contrário, essas pesquisas os aceitam como parceiros que têm contribuições substanciais a fazer aos processos de desconstrução das visões ocidentais sobre a linguagem e a vida social, e de explorar uma faixa mais ampla de alternativas.

Do contexto à contextualização

Um movimento crucial no estabelecimento da abordagem da performance foi a mudança dos estudos de texto para a análise da emergência dos textos em contexto. Malinowski (170, 171) já enfatizava o contexto cultural e interativo do uso da linguagem, dando atenção especialmente às formas de arte verbal, tais como fórmulas mágicas e narrativas. Os trabalhos de Bateson (25) e Goffman (109) sobre enquadres, a ênfase de Parry (201) e Lord (167) no papel da

audiência na composição oral, e a conceptualização do evento comunicativo proposta por Jakobson (151) e expandida por Hymes (138, 139, 141) ofereceram importantes estímulos para estudiosos da performance (ver 1, 12, 26, 43, 45).

No entanto, um número de estudos recentes sugerem que pesquisadores estão deslocando o foco para além do contexto, em sua concepção em termos normativos, convencionais, e institucionais. O trabalho de Blackburn sobre *bow songs*³ tamil oferece um exemplo disto. Em artigo publicado em 1981, Blackburn observava que “a influência do contexto oral no conteúdo da narrativa” fornecia um “foco central para este ensaio” (47: 208). Cinco anos depois, apesar de declarar de forma semelhante que “Performance ... é seja lá o que for que aconteça com um texto em contexto” (48: 168), ele passou a argumentar que a análise do texto permanecia central ao estudo da performance. No momento que sua monografia sobre as *bow songs* apareceu em 1988, Blackburn afirmava que o necessário é “uma abordagem da performance centrada no texto” que “comece com a narrativa fora de sua encenação [*enactment*]” (49: xviii).

Recentemente, estudos centrados na performance também têm sido lidos de modos antitéticos. Limón & Young (166) argumentam, por exemplo, que estudos de performance não têm correspondido ao chamado de Bauman por análises do contexto social, cultural e histórico mais amplo; eles atribuem esta deficiência à devoção dos estudiosos às análises “microsociológicas” ou “interacionais” e à “poética da ... arte verbal”. Bronner (67:89) argumenta, de forma um pouco semelhante, que “ao enfatizar exibição[*display*] e performance, tomando ações expressivas como estratégias usadas em situações específicas, a natureza de um ator foi dissociada do ato, e o cenário físico foi isolado do contexto social ao redor”. Portanto, nestes e em outros relatos recentes, pesquisas centradas na performance emergem como elefantes do homem cego⁴. Blackburn busca recuperar o “espaço perdido no estudo das performances orais” através da “reversão da direção que os estudos de performance haviam traçado” (49:xxi, xvii); ou seja, para ele estudos de performance parecem estar muito preocupados com contexto e muito pouco preocupados com detalhes

textuais. Por outro lado, Límon & Young e Bronner argumentam que perspectivas centradas em performance estão demasiadamente presas à poética para serem capazes de discernir os contextos sociais e políticos.

Estas discrepâncias não são simplesmente o produto de tendências divergentes neste campo: estes autores citam muitas das mesmas fontes. Tais argumentos tampouco simplesmente sugerem um movimento circular do texto para o contexto para o texto. Na verdade, estudos de performance estão no meio de uma reformulação radical onde “texto”, “contexto” e a distinção entre eles estão sendo redefinidos. Esta mudança é sinalizada gramaticalmente pela adição de afixos que efetivamente deslocam a ênfase do produto para o processo, e de estruturas convencionais para agência, na medida em que termos como “entextualização” e “contextualização” ganham legitimidade. O restante desta parte do texto é devotado a uma consideração acerca do movimento de “contexto” para “contextualização”; discutiremos a transição de “texto” para “textualização” logo a seguir.

Briggs (63:13) identifica dois problemas inerentes ao conceito de “contexto”: inclusividade e falsa objetividade. Alguns pesquisadores propuseram definições relativamente mais limitadas. Dundes (87:23), por exemplo, afirma que “o contexto de um item folclórico é a situação social específica onde este item em particular é efetivamente empregado”. Em sua formulação seminal, Malinowski distingue “o contexto da realidade cultural ... o equipamento material, as atividades, interesses, valores estéticos e morais com os quais as palavras estão correlacionadas” (171: 22), do “contexto situacional” ou “contexto social”, “intenção, objetivo e direção das atividades que acompanham as palavras” (171:214). Bauman (30) expande a lista para seis elementos, incluindo o “contexto de significação”, “contexto institucional”, “contexto do sistema comunicativo”, “base social”, “contexto individual” e “contexto de situação”. Todas estas definições de contexto são demasiadamente inclusivas, não existindo forma alguma de saber quando um conjunto adequado de fatores contextuais é constituído. A tarefa aparentemente simples de descrever “o

contexto” de uma performance pode, dessa forma, tornar-se uma regressão infinita.

O problema da falsa objetividade emerge do caráter positivista da maior parte das definições de contexto. Esta equação “do contexto” com uma descrição “objetiva” de tudo que cerca um conjunto de enunciações tem duas conseqüências importantes. Primeiro, já que é obviamente impossível apontar todos os aspectos do contexto, o pesquisador torna-se o juiz que estabelece o que merece ser incluído. Segundo, definições positivistas constroem o contexto como um conjunto de condições externas ao discurso e que existem a priori e independentemente da performance. Isto reduz a habilidade do analista de discernir como os próprios praticantes determinam quais aspectos da interação social em andamento são relevantes e também oculta a maneira como a fala dá forma ao cenário, freqüentemente transformando as relações sociais. Reificar “o contexto” também preserva implicitamente a premissa que o significado emerge essencialmente de conteúdos proposicionais livres do contexto, que são então modificados ou esclarecidos pelo “contexto” (cf. 234).

Vários escritores têm tentado escapar desse molde ao focar na capacidade metacomunicativa ou metapragmática (228) da linguagem. Cook-Gumperez e Gumperz (78; ver também 123) incorporam *insights* de Bateson (25), Goffman (109, 110), e outros ao proporem uma mudança de contexto para *contextualização*. Eles argumentam que contextos comunicativos não são ditados pelo cenário social e físico, mas emergem de negociações entre os participantes das interações sociais. O processo contínuo de contextualização pode ser percebido ao atentarmos para os “indicadores de contextualização” que sinalizam quais elementos do cenário são usados pelos participantes na interação para produzir os enquadres interpretativos. Um *corpus* literário em rápida expansão aponta para a centralidade de elementos de padronização poética na contextualização de performances (20, 21, 32, 42, 48, 63, 112, 131, 144, 146, 159, 180, 227, 248, 250). Análises baseadas na performance têm um papel chave a desempenhar aqui, já que deixas de contextualização poeticamente padronizadas são realçadas na performance; essa percepção acentuada pode auxiliar os

pesquisadores a determinar como deixas individuais são interligadas na criação de padrões formais e funcionais mais amplos.

O deslocamento da ênfase no contexto para a contextualização sugere a razão pela qual análises de performance têm, simultaneamente, focado mais no texto e no contexto nos últimos anos. Para evitarmos reificar “o contexto” é necessário estudar os detalhes textuais que iluminam a maneira como os participantes constroem coletivamente o mundo ao seu redor. Por outro lado, tentativas de identificar o significado dos textos, performances ou gêneros inteiros em termos de conteúdos puramente simbólicos e independentes do contexto desconsideram a multiplicidade de conexões indiciais que permitem que a arte verbal transforme, e não simplesmente reflita, a vida social. Afirmar que pesquisadores devem escolher entre análises de padrões poéticos, interação social ou contextos sociais e culturais mais amplos é reificar cada um destes elementos e impedir uma análise adequada de qualquer um deles.

O deslocamento que nós identificamos aqui representa um grande passo em direção a uma visão de performance centrada no agente. Contextualização envolve um processo ativo de negociação no qual participantes examinam reflexivamente o discurso em sua emergência, inserindo avaliações sobre sua estrutura e significado na própria fala. Atores [*performers*] estendem tais avaliações de modo a incluir previsões sobre como a competência comunicativa, histórias pessoais e identidades sociais de seus interlocutores darão forma à recepção do que é dito. Muitas pesquisas têm focado a maneira como este metaproceto é incorporado na forma textual das performances, particularmente no caso de narrativas. Babcock (14), Bauman (32), Briggs (66), McDowell (177) e outros, têm focado na meta-narrativa, “esses dispositivos que comentam sobre o narrador, o narrar e a narrativa enquanto mensagem e código” (14:67). Meta-narrativa inclui um conjunto de elementos que, como Georges argumenta (107), têm sido marginalizados, ignorados e, ocasionalmente, mesmo removidos das transcrições, devido a sua suposta irrelevância para os eventos narrados em si. Como Bauman argumenta (32), dispositivos meta-narrativos indicam não somente elementos da interação social em andamen-

to, mas também a estrutura e significado da narrativa e da maneira como ela é ligada a outros eventos. Por exemplo, o contador de histórias texano Ed Bell incorpora o seguinte comentário meta-narrativo em uma história sobre uma árvore gigante de abelhas: “E não culpo vocês se vocês não acreditam em mim sobre esta árvore, porque eu também não acreditaria se não tivesse visto com meus próprios olhos. Não sei se posso dizer a vocês como poderiam acreditar nisso ou não, mas aquela era uma árvore grande” (32:99). Bauman argumenta que tais intervenções transpõem o hiato entre o evento narrado e o evento narrativo ao se dirigirem faticamente à audiência. Shuman (227) detalha a maneira como histórias de briga entre adolescentes focam não só a briga, mas também situações que revelam o teor das contínuas relações existentes entre as partes envolvidas. Tais histórias então apresentam tanto a avaliação das causas e conseqüências das brigas quanto as afirmações dos participantes das brigas acerca de seus direitos de contar e ouvir a história.

Um dispositivo para conectar eventos narrados e eventos narrativos (149) é a fala citada [*reported speech*]; um conjunto crescente de pesquisas (32, 37, 65, 144, 169, 233, 247) têm aprofundado os *insights* de Volosinov (251). A fala citada permite que atores [*performers*] aumentem a heterogeneidade estilística e ideológica ao apelarem a múltiplos eventos de fala, vozes e pontos de vista. Como mostraremos abaixo, este descentramento do evento narrativo e da voz do narrador abre possibilidades para a renegociação de significados e relações sociais além dos parâmetros da performance em si.

Enquanto grande parte das pesquisas sobre as funções metacomunicativas da padronização poética tem focado a narrativa, vários estudos têm analisado provérbios, adivinhas, rimas, insultos, saudações e outros gêneros, assim como os elementos poéticos da conversação (5, 22, 54, 63, 74, 116, 118, 160, 178, 181, 230, 231). Mais estudos são necessários nesta área.

Esta mudança nas perspectivas analíticas tem fomentado a percepção do papel ativo que os ouvintes também desempenham nas performances. Em narrativas conversacionais, é comum ser dado aos membros da audiência oportunidades de fala, tornando então a

narrativa uma coperformance (83, 113). O *backchannel*⁵ de participação de membros da audiência dá forma à estrutura e ao conteúdo da performance ao mesmo tempo em que aqueles que falam avaliam o envolvimento e compreensão de seus interlocutores (41, 63, 89, 111, 129, 131). C. Goodwin (113) argumenta que as audiências são instruídas pelo discurso em como acompanhar os diferentes envolvimento dos membros naquilo que é dito; a audiência também tem um papel central na avaliação do significado da fala. A interação performance-audiência é claramente moldada não somente por sinais ostensivos; K. Basso (23) oferece uma análise notável dos modos como aqueles que falam podem se abster de usar dicas de contextualização ostensivas, contando com padrões de resposta culturalmente definidos para levar os ouvintes a perceberem o sentido da narrativa no contexto corrente. Mesmo quando membros da audiência dizem ou fazem praticamente nada no momento da performance, seus papéis tornam-se ativos quando eles se tornam os falantes em subseqüentes entextualizações do tópico daquele momento (por exemplo: em relatos, desafios, refutações, encenação das conseqüências, e similares).

O movimento do contexto para contextualização, e tópicos correlatos, então nos permite reconhecer as maneiras sofisticadas como os atores [*performers*] e as audiências usam a padronização poética para interpretar as estruturas e significados de seus próprios discursos. Pesquisadores podem, desta forma, basear suas análises nos esforços interpretativos dos participantes. Esta mudança de orientação tem implicações profundas para o trabalho-de-campo. Ela facilita uma maior compreensão das dinâmicas da performance no próprio encontro etnográfico.

A premissa conceitual e metodológica básica da etnografia da performance é que a estrutura e dinâmica do evento de performance servem para orientar os participantes – incluindo o ator [*performer*]. Poderíamos então esperar que avaliações do discurso emergente nos encontros etnográficos levassem em conta tanto os objetivos etnográficos quanto o papel do pesquisador de campo. No entanto, análises dos efeitos das ações do etnógrafo, grupo de pesquisa, equipamento, programa de pesquisa etc., sobre tais discursos requerem modificações

do foco, já há muito existente, dos folcloristas e antropólogos no “contexto natural” – i.e. na maneira como os nativos fazem (ou faziam) as coisas isolados, livres de influências externas comprometedoras. Etnógrafos de performance necessitaram de uma certa ousadia para desconstruir essa noção de um contexto natural, confrontando suas próprias influências sobre o que suas fontes locais lhes ofereciam. Contudo, depois da análise pioneira de Haring(127) sobre como seus informantes moldaram o que lhe diziam de acordo com suas concepções acerca de quem ele era, o que ele queria e o que deveria ser contado para ele, inúmeros ensaios têm examinado a contextualização do encontro etnográfico. Estes trabalhos têm iluminado a negociação dos objetivos da interação, e o papel dos participantes nesta negociação, assim como as escolhas, formas e o enquadre de seus discursos (31, 61, 62, 73, 82, 142, 146, 183, 242). De fato, foi mostrado que a contextualização estende-se além dos limites do contexto do trabalho de campo em si, na medida em que o gravador coloca em consideração possíveis audiências subseqüentes (32:78-111, 242:285-301). Tal atenção reflexiva à contextualização do encontro etnográfico afetou significativamente a própria formulação da teoria da performance: a distinção pioneira de Hymes entre o relato de um texto artístico e a sua performance está baseada na análise de enquadres de contextualização mutáveis e negociados no seu trabalho de campo com seus informantes chinook (142).

Ao focar nos fundamentos dialógicos da descoberta etnográfica, esta linha reflexiva de pesquisa centrada-em-performance antecipou a recente virada para um antropologia mais dialógica (175, 242). Por sua vez, os *insights* que discutimos aqui oferecem à “poética e política da etnografia” uma percepção mais apurada do trabalho comunicativo investido por nossos interlocutores, e um conjunto de ferramentas para analisar a entextualização (79) e a contextualização dos diálogos etnográficos.

Os *insights* oferecidos pelos estudos que citamos até agora emergem da sensibilidade especial dos etnógrafos para com as dinâmicas da contextualização e performance. Paredes (197) oferece uma crítica incisiva às práticas etnográficas que deixam de levar em consideração a performance do próprio encontro etnográfico. Paredes acha que a

literatura sobre a sociedade e cultura do Grande México (especialmente a texana-mexicana)⁶ está crivada de interpretações imprecisas que resultam do ingênuo viés referencial da prática etnográfica positivista de solicitar fatos às pessoas e assumir que elas darão respostas francas. Paredes mostra que o encontro etnográfico convida à demonstração de competência comunicativa, uma pedra fundamental da performance, da mesma forma que a desigualdade que freqüentemente caracteriza a relação entre “informante” nativo e etnógrafo pode levar à brincadeira, à pilhéria ou à representação segundo estereótipos. Existe então uma predisposição para a performance e outros enquadres expressivos de comunicação na contextualização do discurso no encontro etnográfico, independente da questão explorada no momento ser a arte verbal ou o parentesco. O trabalho de Paredes sugere que uma sensibilidade para a performance deve ser uma parte crítica e reflexiva de qualquer investigação etnográfica que envolva a coleta de dados por meios verbais (ver também 62, 120).

Entextualização e descontextualização ⁷

Muitas pesquisas sobre contextualização orientadas pela perspectiva da performance têm se concentrado na localização da performance em contextos situacionais. Uma perspectiva alternativa está começando a emergir dos estudos de performance, e de outras áreas, que abordam alguns dos problemas básicos na antropologia lingüística a partir de um conjunto de premissas opostas.

Consideremos por um momento porque pesquisadores tiveram que tornar a contextualização uma problemática, devotando tanto esforço para estabelecer que a forma, a função e o significado da arte verbal não podem ser compreendidos à parte do contexto. A razão é precisamente que as formas da arte verbal são muito suscetíveis a serem tratadas como objetos auto-contidos e delimitados, passíveis de separação de seus contextos sociais e culturais de produção e recepção. Tomando a prática de descontextualização como o foco de investigação, perguntamos o que torna isto possível, como isso é alcançado em termos formais e funcionais, para que fins, por quem, sob

quais circunstâncias, e assim por diante. Estamos atualmente longe de ter respostas conclusivas para essas questões, mas a investigação pode abrir algumas novas abordagens produtivas.⁸

Os trabalhos anteriores da maioria dos investigadores da contextualização têm assim tendido a tomar o rumo oposto àquele em que nós agora embarcamos. Eles estabeleceram como a performance está *ancorada* em, e é inseparável de, seu contexto de uso. Tais trabalhos – sobre os vínculos da performance à competência, intenções de expressividade, estratégias de retórica e propósitos funcionais do ator [*performer*]; sobre as conexões fáticas do ator [*performer*] à sua audiência; sobre as conexões indiciárias do discurso em performance a seu entorno situacional, aos participantes, ou outras dimensões do evento de performance; sobre a estrutura do texto em performance enquanto emergente em performance, e assim por diante – serviram para estabelecer como e por que a arte verbal deveria ser resistente ao descentramento, à extração de seu contexto. Em contraste, nós iremos perguntar o que faz a performance ser passível de descentramento apesar de todas estas forças de fixação [*anchoring*]. O que a faz suscetível à decontextualização? Que fatores afrouxam as conexões entre o discurso em performance e seu contexto?

Um ponto inicial para estas perguntas é a distinção entre discurso e texto. No cerne do processo de descentrar o discurso está o processo mais fundamental – a *entextualização*. Em termos simples, apesar disto estar longe de ser simples, é o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção lingüística em uma unidade – um *texto* – que pode ser extraído de seu cenário interacional. Um texto, então, nesta perspectiva, é discurso tornado passível de descontextualização. Entextualização pode muito bem incorporar aspectos do contexto, de tal forma que o texto resultante carregue elementos da história de seu uso consigo.

Fundamental para o processo de entextualização é a capacidade reflexiva do discurso, capacidade que este compartilha com todos sistemas de significação, de “virar-se ou dobrar-se sobre si mesmo, de tornar-se um objeto de si mesmo, de referir-se a si mesmo” (15, 16). Nos termos de Jakobson (151), com respeito à linguagem, esta

capacidade reflexiva se manifesta mais diretamente nas funções metalingüística e poética (174). A função metalingüística (ou metadiscursiva) objetifica o discurso ao fazer do discurso seu próprio tópico; a função poética manipula as características formais do discurso para chamar atenção para as estruturas formais através das quais o discurso é organizado.

Performance, a encenação da função poética, é um modo de comunicação altamente reflexivo. Da maneira como o conceito de performance foi desenvolvido em lingüística, a performance é vista como um modo habilidoso [*artful*] de fala, especialmente marcado, e que constrói ou representa um enquadre interpretativo especial, dentro do qual o ato da fala deve ser entendido. Performance coloca o ato de falar em destaque – o objetifica, o destaca parcialmente de seu cenário de interação e o oferece para avaliação por uma audiência. Performance acentua a percepção do ato de falar e permite que a audiência faça avaliações acerca da habilidade e da eficácia dos talentos do ator [*performer*]. Por sua própria natureza, então, a performance potencializa a descontextualização.

Podemos abordar o processo de entextualização em performance em termos formais e funcionais, através da exploração dos meios disponíveis aos participantes, nas situações de performance, para transformar trechos de discurso descolados de seu ambiente discursivo em textos coerentes, eficazes e memoráveis. Quais são os recursos discursivos que podem ser usados para esse fim? De uma perspectiva formal, esta linha de investigação nos leva para território familiar: a organização formal de textos, dispositivos para coesão, e assim por diante. Aqui, a análise formal minuciosa desenvolvida em anos recentes, sob o estímulo da etnopoética (144, 226, 242, 243) a análise comparativa do paralelismo (72, 100, 101, 158) e a análise dos gêneros de folclore (32, 44, 63, 118, 178, 179) expandiram nossa compreensão da textualidade das formas de arte verbal. Os meios e dispositivos delineados por Bauman (26) como “chaves para performance” podem ser vistos como índices de entextualização. Análises de conversação (110:5-77; 163, 218, 240) e estudos de disputas e conflitos, orientados para a linguagem (58, 64, 114, 122), oferecem perspectivas para a

análise formal do discurso e entextualização, e ilustram como a disponibilidade do texto para ser isolado pode ser atingida de forma interativa. Estes estudos nos relembram que os participantes podem eles mesmos estar direta e fortemente preocupados com o controle social da entextualização, descontextualização, e recontextualização (7a).

Além dos aspectos formais, as análises de enquadre (109), a investigação fenomenológica dos “mundos” criados em performance (61, 264), estudos da interação entre performances verbais e a mídia que as acompanham, como música, dança, e objetos materiais (91, 179, 222, 239), análises dos processos de composição (95-97, 108) e um conjunto de outras linhas de investigação, iluminam o processo de entextualização em performance. A tarefa é descobrir empiricamente quais meios estão disponíveis para transformar o discurso em texto em uma dada situação social, para quem eles estão disponíveis e sob quais circunstâncias.

Claramente, performance não é o único mecanismo de entextualização. Nossa asserção, na verdade, é que performance, enquanto um enquadre, intensifica a entextualização. Também é importante lembrar que a performance é uma qualidade variável; sua relevância entre as várias funções e enquadres de um ato comunicativo pode variar ao longo de um contínuo desde uma performance completa, contínua, até um passageiro irromper de performance (31, 142). Da mesma forma, entextualização é uma questão de graduação através dos gêneros de fala de uma comunidade (20:91-140; 57, 63, 108, 118, 180, 223). A performance completa parece estar associada à entextualização mais marcada, mas tal correlação está longe de ser perfeita; uma parte de um discurso rigorosamente entextualizada pode ser citada, ou traduzida, ou transmitida dentro de outros enquadres além da performance. Esta é uma área que será produtiva para investigações futuras.

O breve apanhado sobre a entextualização que oferecemos deve ser suficiente para substanciar nosso argumento que o discurso pode ser moldado para facilitar sua separação do contexto situacional. Os processos que ancoram o discurso em contextos de uso podem sofrer oposição de outros que potencializam a capacidade de separação. Se considerarmos

agora o que acontece com o texto quando este é descontextualizado, reconheceremos que a descontextualização de um contexto social envolve a recontextualização em outro. Para os propósitos deste momento, consideramos que a descontextualização e recontextualização de textos são dois aspectos do mesmo processo, mas o tempo e outros fatores podem mediar estas duas fases. Como o processo é transformacional, precisamos agora determinar o que o texto recontextualizado traz consigo do seu(s) contexto(s) anterior(es) e qual forma, função e significado emergentes lhe são dados ao ser recentrado.

Neste estágio podemos apenas sugerir esquematicamente e programaticamente quais podem ser algumas das dimensões desta transformação. É claro que isso se torna mais fácil quando dispomos de dados sobre os pontos sucessivos deste processo, mas mesmo o exame de textos aparentemente isolados pode ser produtivo porque um texto pode carregar um pouco de sua história consigo (7a, 37, 63). Além do mais, uma sucessão de recentramentos pode estar contida em um único evento (206,236; 165-68).

Por exemplo, Melaquias Romero, em sua performance de um conto sobre um tesouro, popular entre a população de língua espanhola no norte do Novo México, oferece um sumário do conto, uma performance da versão de seus pais e de várias narrações baseadas em outras versões da narrativa. Tais recentramentos podem também ser simultâneos em vez de seriais. Sr. Romero apresenta uma cena central no conto sobre o tesouro, um diálogo entre um pastor e seu patrão, tal como ela havia sido contada pelo patrão a outro pastor, que por sua vez a recontou a dois amigos; o Sr. Romero então reconta a maneira como estes dois indivíduos lhe apresentaram a narrativa (ver 66).

Ao mapear as dimensões da transformação poderíamos utilizar quaisquer uns dos elementos seguintes, ao mesmo tempo que atentamos para suas interrelações:

1. *Enquadre* [*framing*] – o controle metacomunicativo do texto

recontextualizado. Nos termos de Goffman (110: 124-59), qual é o *footing*⁹ adotado em relação ao texto no processo de sua recontextualização? Ele está ligado a apresentações anteriores como repetição ou citação? Aqui, o crescimento recente do interesse em falas citadas [*reported speech*] (32:54-77; 169; 223:201-7; 232) e na metapragmática (228) será de especial importância, assim como a pesquisa crescente sobre gêneros mistos, onde textos encenados [*performed*] em um gênero estão embebidos em textos com gênero distintos (37, 193). O enquadre diferencial de textos quando estes são apresentados em ensaios, em oposição à performance, é também merecedor de mais pesquisas (109:60-61; 241).

2. *Forma* [*form*]- Inclui meios formais e estruturas, da fonologia à gramática, a estilos de fala, a estruturas maiores de discurso, como os princípios de organização em gêneros. O foco nesta dimensão de transformação formal, de um contexto para outro, permite *insights* na evolução dos gêneros (7, 196). Uma transformação formal particularmente interessante é o recentramento do texto pela substituição metonímica: a menção do lugar onde um evento narrado aconteceu (23, 24), ou uma parte central do enredo (155), por exemplo, para evocar um todo na mente dos ouvintes.

3. *Função* [*function*]- Manifesta, latente e performativa (força perlocucionária e ilocucionária; ver acima). Um texto principalmente ritual, por exemplo, pode ser usado para entretenimento, prática ou pedagogia (223:118).

4. *Localização indicial* [*indexical grounding*]- inclui marcadores deícticos de pessoas, localização espacial, temporal etc. A análise da “metanarração” oferece um ponto de vista produtivo sobre este problema (14, 32, 37, 177).

5. *Tradução* - inclui tanto a tradução inter-lingüística quanto a inter-semiótica (150). Aqui estão em questão as diferentes capacidades semióticas de diferentes linguagens e diferentes mídias (168). O que acontece se um texto é transferido do zuni para o inglês ou da narração oral para a escrita? Estas questões têm sido centrais para a exploração da etnopoética (93, 144, 242) e para a problemática da transcrição (191, 205). Elas oferecem então um importante ponto de vista crítico e reflexivo sobre nossa prática acadêmica enquanto antropólogos lingüistas.

6. *A estrutura emergente* [*emergente structure*] do novo contexto, conforme ela é moldada pelo processo de recontextualização. Textos tanto dão forma quanto são moldados pelos contextos situacionais em que são produzidos.

Até agora, esboçamos um enquadre para a investigação do descentramento e do recentramento principalmente em termos formais. Mas, do mesmo modo que a análise formal dos processos e

práticas de contextualização é um meio de investigação de problemas sociais e culturais mais amplos, também a análise da descontextualização e recontextualização se manterá ou virá a ruir como um projeto antropológico na medida em que puder iluminar questões de interesse mais amplo. Deixem-nos sugerir então algumas problemáticas para as quais tais investigações podem ser produtivas. Ao fazê-los começamos a responder certas críticas às análises centradas em performance (resumidas em 166).

A descontextualização e recontextualização de discursos já encenados [*performed*] age sobre a economia política dos textos (104, 148), textos e poder. A performance é um modo de produção social (253); produtos específicos incluem textos, discursos descentrados. Descontextualizar e recontextualizar um texto é portanto um ato de controle, e a questão do poder social emerge como resultado do exercício diferencial de tal controle. Mais especificamente, podemos reconhecer acessos diferenciados aos textos, diferenças na legitimidade das reivindicações sobre textos e seus usos, competências diferenciadas no uso dos textos, e valores diferenciados agregados aos vários tipos de textos. Todos estes elementos, deixem-nos enfatizar, são culturalmente construídos, socialmente constituídos e sustentados por ideologias, podendo, assim, variar de uma cultura para outra. Nenhum desses fatores é dado social ou culturalmente, já que cada um pode estar sujeito a negociações como parte do processo de entextualização, descentramento e recentramento.

1. O acesso [*access*] depende de estruturas institucionais, definições sociais de elegibilidade e outros mecanismos e critérios de inclusão e exclusão (mesmo assuntos práticos, tais como chegar aonde os textos são encontrados).

2. A questão da legitimidade [*legitimacy*] refere-se à concessão da autoridade para a apropriação de um texto de modo que este recentramento conte como legítimo (227). Direitos de propriedade cultural, tais como *copyrights*, critérios acadêmicos de plágio e seus equivalentes em outras culturas, todos regulam o exercício do poder legítimo sobre discursos encenados [*performed*], assim como o fazem mecanismos sociais como a ordenação, a iniciação, ou o aprendizado.

Não só estruturas institucionais e mecânicas conferem autoridade legítima para controlar textos, mas o potencial inverso também existe: Contra Bordieu (52: 649), a apropriação e uso de formas particulares de discurso pode ser a base do poder institucional.

3. A competência [*competence*], o conhecimento, e a habilidade [*ability*] para levar a cabo, com sucesso e apropriadamente, descontextualizações e recontextualizações de discursos encenados [*performed*], podem ser concebidas em nível local como uma capacidade humana inata, habilidade adquirida, dádiva especial, uma correlação com a localização do sujeito no ciclo de vida, e assim por diante (ver por exemplo 63, 101: 13-16; 118: 239, 132).

4. Finalmente, valores [*values*] organizam os estatutos relativos dos textos e seus usos em uma hierarquia de preferências. Textos podem ser valorizados por seus possíveis usos, pelo que pode ser obtido por eles ou por sua referência indicial a qualidades ou estados desejados – o capital cultural de Bourdieu (53, 104, 148).

Todos estes fatores – acesso, legitimidade, competência e valores – são centrais para a construção e aquisição da autoridade. Desde a formulação inicial por Hymes (142), na qual a performance consistia na exibição autorizada [*authoritative*] de competência comunicativa, a autoridade manteve um lugar central nas análises orientadas pela performance. A definição de Hymes acentua a aquisição pelo ator [*performer*] de uma voz autorizada [*authoritative*], a qual é baseada, pelo menos em parte, no conhecimento, habilidade, e direito de controlar o recentramento de textos de grande valor. O controle sobre o descentramento e recentramento é parte do enquadre social, e dessa forma é uma das maneiras através das quais os textos são investidos com autoridade (55), que por sua vez impõe limites formais e funcionais sobre como o texto pode ser posteriormente recentrado: um texto com autoridade [*authoritative*], por definição, é aquele que é protegido ao máximo contra transformações que o comprometam (18).

Apesar das implicações do descentramento e recentramento do discurso para a construção e o exercício do poder poderem ser abordadas a partir de vários pontos de vista, incluindo concepções culturais acerca da natureza e usos da performance, estruturas institucionais,

ou ideologia, a prática localizada da descontextualização e recontextualização é um enquadre referencial essencial e fundacional. Neste sentido, a investigação da descontextualização e recontextualização dá continuidade ao programa da etnografia da fala, adicionando um enquadre conceitual, centrado na prática discursiva em si, e ligando contextos situacionais distintos nos termos da pragmática da textualidade. Além disso, a cadeia de ligações pode ser estendida sem um limite temporal, já que textos podem ser continuamente descentrados e recentrados (128). Por um lado, isso ilumina o processo de tradicionalização (37, 143), o contar e recontar de uma história, o citar e recitar de um provérbio, enquanto recentramentos constitutivos da construção simbólica de uma continuidade discursiva com um passado imbuído de significado. O enfoque em tais processos localiza performances, textos e contextos em sistemas de relações históricas. Por outro lado, o traçar de cadeias de descentramento e recentramento oferece um enquadre unificado para a análise do controle sobre o discurso, que se estende do local e da pequena escala para o global. Uma dada performance de um conto folclórico, por exemplo, pode ser traçada através de processos de descentramento e recentramento interligados na tradição oral local, na nacionalização da cultura, na medida em que essa é apropriada pelas elites letradas em prol de ideologias nacionalistas, ou na internacionalização da cultura, ao ser elevada a posição de integrante de uma literatura mundial (11; 145:35-64; 185; 211).

Nossa abordagem do descentramento e do recentramento de textos também contribui para a especificação operacional e substantiva da noção mais abstrata de dialogismo de Bakhtin (18), que é cada vez mais influente na antropologia linguística e no folclore. Se de fato, como nos diz Bakhtin, nossas bocas estão repletas das palavras dos outros, o programa que delineamos aqui tem a intenção de elucidar como essas relações dialógicas são consumadas, de tal maneira que sejam levadas em conta as interrelações forma-função e a sociologia e economia política do diálogo bakhtiniano.

Uma outra recompensa importante oferecida pela investigação da descontextualização e recontextualização de textos é uma perspectiva crítica e reflexiva para o exame de nossa própria prática acadêmi-

ca. Muito do que fazemos como antropologia lingüística pode ser resumido como descontextualização e recontextualização do discurso de outros (130, 249). Certamente o exercício de tal poder não necessita ser unilateral; nossos interlocutores podem tentar controlar o modo como seus discursos serão entextualizados e recontextualizados. Estes processos tem implicações importantes para os métodos, objetivos e, não menos significativamente, para a ética, de nossa profissão.

Conclusão

Performance emergiu como uma palavra chave em alguns setores da antropologia lingüística e do folclore na primeira metade da década de 70, unindo sob sua rubrica pelo menos três reorientações críticas que estavam então movimentando estes campos afins. A primeira destas envolvia um desafio à concepção da linguagem promulgada sob a bandeira da lingüística generativa transformacional [*transformational generative-linguistics*]. Sob aquela perspectiva, performance – “fala natural” [*natural-speech*], o que o falante [*speaker*] de fato faz ao usar a linguagem – estava excluída do escopo da teoria lingüística, que estava centrada na competência, num sistema cognitivo abstrato e idealizado de regras para a produção e compreensão de sentenças gramaticalmente apropriadas. Era então conceitual e retoricamente eficaz investir na performance como o centro de uma lingüística alternativa, socialmente constituída (141), onde a função social molda a forma lingüística, a linguagem tem significado tanto social quanto referencial, e as funções comunicativas da linguagem na constituição da vida social são fundamentais para sua essência.

Uma segunda grande mudança de perspectiva expressa pela noção de performance se deu no folclore, fundamentada na reorientação de uma visão tradicionalista do folclore como itens culturais reificados, que persistem no tempo – textos, artefatos, *mentifacts*¹⁰ - para uma concepção do folclore como um modo de ação comunicativa (198). Aqui performance era compreendida como o assumir de responsabilidades para com uma audiência para a demonstração de habilidades e eficácia comunicativa (26, 142).

Terceiro, a virada para a performance marcou um esforço para

estabelecer um espaço mais amplo dentro da lingüística e da antropologia, para a poética – arte verbal – em contraste com a concepção, profundamente enraizada na epistemologia e na ontologia ocidental, que a poética é um enfraquecimento da linguagem, funcionalmente nula ou desprovida de valor, irrelevante para o que realmente faz funcionar a linguagem ou a sociedade (102, 224). O foco no uso artístico da linguagem na condução da vida social – no parentesco, política, economia, religião – abriu caminho para uma compreensão da performance enquanto constitutiva socialmente e eficaz, não apenas secundária e derivativa (38, 40).

Todos estes três redirecionamentos contaram principalmente com investigações etnográficas e analíticas da inter-relação da forma-função-significado dentro dos contextos situacionais do uso da linguagem. Como tentamos tornar claro nas primeiras partes desta resenha bibliográfica, os desenvolvimentos seguintes nos estudos da performance mantiveram a postura crítica na qual a análise centrada na performance foi fundada, e continuam a explorar produtivamente o enquadre básico de referência situacional que caracteriza as linhas de investigação centradas na performance.

Recentemente, no entanto, tanto críticos quanto pesquisadores, têm identificado certas limitações engendradas por um modo de análise que atêm-se em demasia ao evento de fala ou à performance como a fonte primária de referência e unidade de análise (166). As dificuldades são várias. Primeiro, há o problema da história, a necessidade de conectar séries de eventos de fala a sistemas históricos de inter-relações, de acordo com uma perspectiva centrada no discurso. Segundo, há o perene problema, micro e macro, de como relacionar o uso da linguagem às estruturas sociais mais amplas, particularmente as estruturas de poder e valor que constituem a economia política de uma sociedade. Novamente o problema é identificar práticas discursivas que façam a mediação entre o uso situado da linguagem com eventos de fala e essas estruturas mais amplas. E, finalmente, há o problema da ligação entre a fala artística da performance e outras formas de uso da linguagem de tal modo que a análise de performance não caia na armadilha de segregar o poético de outros modos de falar.

A terceira maior seção de nossa resenha bibliográfica oferece de forma preliminar e resumida um enquadre que nós acreditamos irá ajudar a superar as limitações que enumeramos aqui. A investigação dos processos interrelacionados de entextualização, descontextualização (descentramento), e recontextualização (recentramento), construída a partir dos *insights* acumulados pelas análises de performance anteriores, abre caminho para a construção de histórias de performances; para iluminar as estruturas sistêmicas mais amplas nas quais as performances desempenham um papel constitutivo; e para a ligação da performance com outros modos de uso de linguagem, já que as performances são descentradas e recentradas tanto dentro como através de eventos de fala – referidas, citadas, avaliadas, contadas, refletidas, refeitas, e de outras maneiras transformadas na produção e reprodução da vida social. Como sugerimos, este enquadre nos parece ainda mais produtivo para tornar nossa prática acadêmica contínua com o fenômeno ao qual devotamos nossa atenção etnográfica. A poética e a política da etnografia são iluminadas pela poética e pela política do discurso dentro das comunidades sobre as quais e dentro das quais nós escrevemos. Nossos diálogos com nossos interlocutores etnográficos estão dialeticamente relacionados aos seus diálogos entre si e aos nossos diálogos quando retornamos às nossas casas. Análises orientadas pela performance estão, então, bem posicionadas para continuar a missão crítica sobre a qual foram fundadas, testando nossas próprias concepções da linguagem e nossa própria prática acadêmica, ao buscar compreender o papel da linguagem e da poética na vida social das culturas do mundo.

Agradecimentos

Durante a elaboração deste ensaio ambos os autores receberam bolsas do *National Endowment for the Humanities*, que são aqui reconhecidas com gratidão. Também somos gratos à Universidade de Indiana e Vassar College pelos fundos para viagem que possibilitaram nossa colaboração. Como apontado, a seção “Entextualização e Descontextualização” reflete profundamente as discussões do seminário sobre Textos e Poder promovido pelo Center for Psychosocial Studies e organizado por Michael Silverstein e Greg Urban. Gostaríamos de

agradecer aos membros do seminário por suas contribuições intelectuais para este trabalho: Donald Brenneis, James Collins, Vincent Crapanzano, William Hanks, John Haviland, Judith Irvine, Benjamin Lee, John Lucy, Elizabeth Mertz, Richard Parmentier, Michael Silverstein, Greg Urban e Bernard Weissbourd. Michael Herzfeld e Hugh Mehan foram os debatedores da uma mesa redonda [em um encontro] da American Anthropological Association, baseada no trabalho do Grupo “Textos e Poder”, e ofereceram valiosos comentários. Estes colegas não são, evidentemente, responsáveis pelas falhas lógicas e expositivas em nossa apresentação. Também gostaríamos de agradecer a John Lucy por ter compartilhado conosco seu trabalho¹¹ em andamento sobre fala citada [*reported speech*].¹²

Notas

* O artigo aqui traduzido foi publicado como “Poetics and Performance as Critical Perspectives on language and social life”, no *Annual Review of Anthropology*, 19:59-88, de 1990. Aparece aqui sob permissão do autor e do periódico.

¹NT: “Artful” não se refere a algo artístico, mas a algo que é marcado por uma habilidade diferenciada ou especial, algo feito de maneira mais habil do que o normal ou de qualidade distinta.

² NT: Niko Besnier, “Language and Affect”, publicado em *Annual review of Anthropology*, 19:419-51, 1990.

³ NT: bow songs são histórias contadas ao som de música produzida por arcos onde são presas sinetas. Agradeço a Rafael Menezes Bastos pela informação.

⁴ NT: Referência à fábula do elefante e os homens cegos que não conseguem perceber o elefante como um todo, mas apenas suas diferentes partes isoladamente.

⁵ NT: Literalmente, “sinal de retroalimentação”. Mantenho o termo em inglês porque este é assim usado enquanto termo técnico no campo da música.

⁶ NT: O autor refere-se aqui à cultura e sociedade hispânicas que incluem a região do sudoeste dos Estados Unidos, território anexado pelo estado americano no final da guerra México-Estados Unidos (1846-1848).

⁷ Como esta é uma formulação preliminar e programática de uma linha de pesquisa que está começando a tomar forma, não a enquadrámos como uma revisão da literatura. Na verdade, através de citações, conectamos nosso esboço a pesquisas anteriores sobre as quais esta abordagem pode ser construída. Esta parte do texto deveria ser lida em conjunto com o artigo de William Hank sobre “textos e textualidade” (“Text and Textuality”) publicado em 1989 no *Annual Review of Anthropology* (126).

⁸ A questão da descontextualização (e recontextualização, à qual voltaremos mais adiante) tem sido o foco principal de um seminário no Centro de Estudos Psicosociais [NT: em Chicago], principalmente sob a rubrica do descentramento e recentramento do discurso. Estes termos baseiam-se no uso pós-estruturalista, ao oferecerem uma crítica às perspectivas nas quais esse uso é radicado (34). Através

do trabalho dos membros deste grupo, estes termos começaram a ganhar uma circulação mais ampla na antropologia lingüística (ver como exemplo 126, 200). Empregamos “centramento”, “descentramento” e “recentramento” aqui de modo intercambiável com “contextualização”, “descontextualização” e “recontextualização”.

⁹ NT: Footing é um desdobramento do conceito de enquadre de Goffman, e está ligado à negociação dos enquadres pelos participantes do discurso. O conceito foi introduzido em “Footing”, texto publicado em *Semiotica*, 25:1-29 em 1979, e traduzido para o português em *Sociolinguística Interacional*, organizado por Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez (1998, Editora AGE, Porto Alegre).

¹⁰ NT: Mentifacts, artefatos e fatos-sociais seriam as três dimensões constitutivas da cultura para o biólogo Julian Huxley, ou o equivalente à dimensão “ideológica” da cultura segundo a divisão analítica de Leslie White.

¹¹ NT: John Lucy editou o livro *Reflexive Language: Reported Speech and metapragmatics*, publicado em 1993, pela Cambridge University Press.

¹² NT e NR: Gostaríamos de agradecer a imprescindível colaboração de E. Jean Langdon para esta tradução, que além de comentá-la também garantiu a obtenção dos direitos de tradução.

Bibliografia citada

1. Abrahams, R. D. 1968. Introductory remarks to a rhetorical theory of folklore. *J. Am. Folklore* 81:143-58
2. Abrahams, R. D. 1976. The complex relations of simple forms. Veja Ref. 44, pp. 193-214
3. Abrahams, R. D. 1980. Play. In *Folklore Studies in the Twentieth Century: Proceedings of the Centenary of the Folk Lore Society*, ed. V. J. Newall, pp. 19-22. Woodbridge, Suffolk: Brewer
4. Abrahams, R. D. 1983. *The Man of Words in the West Indies*. Baltimore: Johns Hopkins
5. Abrahams, R. D. 1985. A note on neckriddles in the West Indies as they comment on emergent genre theory. *J. Am. Folklore* 98:85-94
6. Abrahams, R. D. 1986. Complicity and imitation in storytelling: a pragmatic folklorist's perspective. *Cult. Anthro- Anthropol.* 1:223-37
7. Abrahams, R. D. 1987. Child ballads in the West Indies: familiar fabulations, creole performances. *J. Folklore Res.* 24:107-34
- 7a. Abrahams, R. D., Babcock, B. A. 1977. The literary use of proverbs. *J. Am. Folklore* 90:414-29
8. Abrahams, R. D., Bauman, R. 1971. Sense and nonsense in St. Vincent: speech behavior and decorum in a Caribbean community. *Am. Anthropol.* 73:262-72
9. Abu-Lughod, L. 1986. *Veiled Sentiments: Honor and Poetry in a Bedouin Society*. Berkeley/ Los Angeles: Univ. Calif. Press
10. Amistae, J., Elias-Olivares, L., eds. 1982. *Spanish in the United States: Sociolinguistic Aspects*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
11. Appadurai, A., Breckenridge, C. 1988. Why public culture? *Public Cult.* 1:5-10
12. Arewa, E. O., Dundes, A. 1964. Proverbs and the ethnography of speaking folklore. *Am. Anthropol.* 66(6):70-85
13. Austin, J. L. 1962. *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford Univ. Press

14. Babcock, B. A. 1977. The story in the story: metanarration in folk narrative. In *Verbal Art as Performance*, R. Bauman, pp. 61-80. Prospect Heights, IL: Wave- Waveland
15. Babcock, B. A. 1980. Reflexivity: definitions and discriminations. *Semiotica* 30:1-14
16. Babcock, B. A. 1984. Reflexivity. In *The Encyclopedia of Religion*, ed. M. Eliade, 12:234-38. New York: Mac- Macmillan
17. Bakhtin, M. M. 1968. *Rabelais and His World*. Transl. H. Iswolsky. Cambridge, MA: MIT Press
18. Bakhtin, M. M. 1981. *The Dialogic Imagination*. Transl. C. Emerson, M. Holquist, ed. M. Holquist. Austin: Univ. Texas Press
19. Bakhtin, M. M. 1986. *Speech Genres and Other Late Essays*. Transl. V. W. McGee, ed. C. Emerson, M. Holquist. Austin: Univ. Texas Press
20. Basso, E. B. 1985. *A Musical View of the Universe: Kalapalo Myth and Ritual Performance*. Philadelphia: Univ. of Penn. Press
21. Basso, E. B. 1990. Contextualization in Kalapalo narratives. In *Rethinking Context*, ed. C. Goodwin, A. Duranti. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
22. Basso, K. H. 1979. *Portraits of "the Whiteman" : Linguistic Play and Cultural Symbols among the Western Apache*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
23. Basso, K. H. 1984. "Stalking with stories": names, places, and moral narratives among the Western Apache. In *Text, Play, and Story*, ed. E. Bruner, pp. 19-55. Washington, DC: Am. Ethnol. Soc.
24. Basso, K. H. 1988. "Speaking with names": language and landscape among the Western Apache. *Cult. Anthropol.* 3:99-130
25. Bateson, G. 1972. *Steps to an Ecology of Mind*. New York: Ballantine Books
26. Bauman, R. 1977. *Verbal Art as Performance*. Prospect Heights, IL: Wave- Waveland
27. Bauman, R. 1977. Settlement patterns on the frontiers of folklore. In *Frontiers of Folklore*, ed. W. Bascom, pp. 121-32. Boulder: Westview
28. Bauman, R. 1982. Conceptions of folklore in the development of literary semi-semiotics. *Semiotica* 39:1-20
29. Bauman, R. 1983. *Let Your Words Be Few: Symbolism of Speaking and Silence Among Seventeenth-Century Quakers*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
30. Bauman, R. 1983. The field study of folklore in context. In *Handbook of American Folklore*, ed. R. M. Dorson, pp. 362-67. Bloomington: Indiana Univ. Press
31. Bauman, R. 1984. *Disclaimers of performance*. Paper presented at Annu. Meet. Am. Anthropol. Assoc., 83rd, Denver
32. Bauman, R. 1986. *Story, Performance, and Event: Contextual Studies of Oral Narrative*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
33. Bauman, R. 1987. The role of performance in the ethnography of speaking. *Work. Pap. Proc. Cent. Psychosoc. Stud.* 11:3-12
34. Bauman, R. 1987. *The decentering of discourse*. Paper presented at Annu. Meet. Am. Anthropol. Assoc., 86th, Chicago
35. Bauman, R. 1989. American folklore studies and social transformation. *Text Perform. Q.* 9:175-84
36. Bauman, R. 1989. Performance. In *International Encyclopedia of Communications*, ed. E. Barnouw, 3:262-66. Oxford: Oxford Univ. Press
37. Bauman, R. 1990. Contextualization, tradition, and the dialogue of genres. In *Rethinking Context*, ed. C. Goodwin, A. Duranti. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
38. Bauman, R., Sherzer, J., eds. 1974. *Explorations in the Ethnography of Speaking*. Cambridge: Cambridge Univ. Press. 2nd ed.

39. Bauman, R., Sherzer, J. 1975. The ethnography of speaking. *Annu. Rev. Anthropol.* 4:95-119
40. Bauman, R., Sherzer, J. 1989. Introduction to the second edition. In *Explorations in the Ethnography of Speaking*, ed. R. Bauman, J. Sherzer, pp. ix-xxvii. Cambridge: Cambridge Univ. Press
41. Beeman, W. O. 1981. Why do they laugh? An interactional approach to humor in traditional Iranian improvisatory theater. *J. Am. Folklore* 94: 506-26
42. Bell, M. J. 1983. *The World from Brown's Lounge: An Ethnography of Black Middle-Class Play*. Urbana: Univ. Ill. Press
43. Ben-Amos, D. 1972. Toward a definition of folklore in context. See Ref. 198, pp. 3-15
44. Ben-Amos, D., ed. 1976. *Folklore Genres*. Austin: Univ. Texas Press
45. Ben-Amos, D. 1977. The context of folklore: implications and prospects. In *Frontiers of Folklore*, ed. W. Bascom, pp. 36-53. Boulder: Westview
46. Bennett, W. L., Feldman, M. S. 1981. *Reconstructing Reality in the Courtroom: Justice and Judgment in American Culture*. New Brunswick: Rutgers Univ. Press
47. Blackburn, S. H. 1981. Oral performance: narrative and ritual in a Tamil tradition. *J. Am. Folklore* 94:207-27
48. Blackburn, S. H. 1986. Performance markers in an Indian story-type. In *Another Harmony: New Essays on the Folklore of India*, ed. S. H. Blackburn, A. K. Ramanujan, pp. 167-93. Berkeley/Los Angeles: Univ. Calif. Press
49. Blackburn, S. H. 1988. *Singing of Birth and Death: Texts in Performance*. Philadelphia: Univ. Penn. Press
50. Bloch, M., ed. 1975. *Political Language and Oratory in Traditional Society*. New York: Academic
51. Boas, F. 1911. Introduction. In *Handbook of American Indian Languages*, Bull. 40, Pt. 1, BAE, pp. 1-83. Washington, DC: USGPO
52. Bourdieu, P. 1977. The economics of linguistic exchanges. *Soc. Sci. Inf.* 16: 645-68
53. Bourdieu, P. 1984. *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press
54. Bowen, J. R. 1989. Poetic duels and political change in the Gayo highlands of Sumatra. *Am. Anthropol.* 91:25-40
55. Bowen, J. R. 1989. Narrative form and political incorporation: changing uses of history in Aceh, Indonesia. *Comp. Stud.Soc. Hist.* 31:671-93
56. Brenneis, D. L. 1978. The matter of talk: political performance in Bhatgaon. *Lang. Soc.* 7:159-70
57. Brenneis, D. L. 1984. Grog and gossip in Bhatgaon: style and substance in Fiji Indian conversation. *Am. Ethnol.* 11:487-506
58. Brenneis, D. L. 1988. Language and disputing. *Annu. Rev. Anthropol.* 17: 221-37
59. Brenneis, D. L. 1990. Telling troubles: narrative, conflict, and experience. Veja Ref. 64.
60. Brenneis, D. L., Myers, F. R., eds. 1984. *Dangerous Words: Language and Politics in the Pacific*. New York: New York Univ. Press
61. Brings, C. L. 1985. Treasure tales and pedagogical discourse in Mexicano New Mexico. *J. Am. Folklore* 98:287-314
62. Briggs, C. L. 1986. *Learning How to Ask: A Sociolinguistic Appraisal of the Role of the Interview in Social Science Research*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
63. Briggs, C. L. 1988. *Competence in Performance: The Creativity of Tradition in Mexicano Verbal Art*. Philadelphia: Univ. Penn. Press

64. Briggs, C. L., ed. 1990. *Narrative Resources for the Creation and Mediation of Conflict*. Spec. Issue *Anthropol. Ling.*
65. Briggs, C. L. 1990. Disorderly dialogues in ritual impositions of order: the role of metapragmatics in Warao dispute mediation. *Veja Ref.* 64.
66. Briggs, C. L. 1990. History, poetics, and interpretation in the tale. In *The Lost Gold Mine of Juan Mondragón: A Legend from New Mexico Performed by Melaquias Romero*, ed. C. L. Briggs, J. J. Vigil, pp. 165-240. Tucson: Univ. Ariz. Press
67. Bronner, S. J. 1988. Art, performance, and praxis: the rhetoric of contemporary folklore studies. *West. Folklore* 47:75-102
68. Burke, K. 1941. *The Philosophy of Literary Form: Studies in Symbolic Action*. Baton Rouge: La. State Univ. Press
69. Burke, K. [1969|1950]. *A Rhetoric of Motives*. Berkeley/Los Angeles: Univ. Calif. Press
70. Caraveli-Chaves, A. 1980. Bridge between worlds: the Greek woman's lament. *J. Am. Folklore* 95:129-58
71. Carey, J. W. 1989. *Communication as Culture: Essays on Media and Society*. Boston: Unwin Hyman
72. Caton, S. 1987. Contributions of Roman Jakobson. *Annu. Rev. Anthropol.* 16: 223-60
73. Cicourel, A. 1974. *Theory and Method in A Study of Argentine Fertility*. New York: Wiley Interscience
74. Cicourel, A. 1982. Language and belief in a medical setting. In *Contemporary Perceptions of Language: Interdisciplinary Dimensions*, ed. H. Byrnes, pp. 48-78. Washington, DC: Georgetown Univ. Press
75. Clifford, J., Marcus, G. E., eds. 1986. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley/Los Angeles: Univ. Calif. Press
76. Comaroff, J. L., Roberts, S. 1981. *Rules and Processes: The Cultural Logic of Dispute in an African Context*. Chicago: Univ. Chicago Press
77. Conley, J. M., O'Barr, W. M. 1990. Rules versus relationships in small claims disputes. *Veja Ref.* 122.
78. Cook-Gumperz, L, Gumperz, L J. 1976. *Papers on Language and Context*. Berkeley: Lang. Behav. Res. Lab., Univ. Calif.
79. Crapanzano, V. 1984. Life histories. *Am. Anthropol.* 86:953-60
80. Culler, J. 1981. *On Deconstruction: Theory and Criticism after Structuralism*. Ithaca: Cornell Univ. Press
81. Danet, B. 1980. Language in the legal process. *Law Soc.* 14:445-564
82. Damell, R. 1974. Correlates of Cree narrative performance. *Veja Ref.* 38, pp. 315-36
83. Dégh, L., Vázsonyi, A. 1976. Legend and belief. *Veja Ref.* 44, pp. 93-123
84. Den'ida, J. 1974. *Of Grammatology*. Transl. G. C. Spivak. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press
85. Derrida, J. 1978. *Writing and Difference*. Transl. A. Bass. Chicago: Univ. Chicago Press
86. Dorst, J. 1983. Neck-riddle as a dialogue of genres. *J. Am. Folklore* 96: 413-33
87. Dundes, A. 1964. Texture, text, and context. *South. Folklore Q.* 28:251- 65
88. Duranti, A. 1983. Samoan speechmaking across social events: one genre in and out of a *fono*. *Lang. Soc.* 12:1-22
- 88a. Duranti, A. 1984. *Intentions, Self, and Local Theories of Meaning: Words and Social Action in a Samoan Context*. LaJolla, CA: Cent. Hum. Inf. Proc., Univ. Calif, San

Deigo

89. Duranti, A., Brenneis, D. L., eds. 1986. *The Audience as Co-Author*. Spec. Issue *Text* 6(3):239-347
90. Farter, C. R., ed. 1975. *Women in Folklore*. Austin: Univ. Texas Press
91. Feld, S. 1982. *Sound and Sentiment: Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression*. Philadelphia: Univ. Penn. Press
92. Feld, S. 1988. Aesthetics as iconicity of style, or "lift-up-over sounding": getting into the Kaluli groove. *Yearb. Trad. Music* 20:74-113
93. Fine, E. C. 1984. *The Folklore Text: From Performance to Print*. Bloomington: Indiana Univ. Press
94. Finnegan, R. 1969. How to do things with words: performative utterances among the Limba of Sierra Leone. *Man* 4:537-52
95. Finnegan, R. 1977. *Oral Poetry*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
96. Finnegan, R. 1988. *Literacy and Quality: Studies in the Technology of Communication*. Oxford: Blackwell
97. Foley, J. M. 1988. *The Theory of Oral Composition: History and Methodology*. Bloomington: Indiana Univ. Press
98. Foster, M. 1974. When words become deeds: an analysis of three Iroquois Longhouse speech events. *Veja Ref.* 38, pp. 345-67
99. Foster, M. 1974. *From the Earth to Beyond the Sky: An Ethnographic Approach to Four Longhouse Iroquois Speech Events*. Ottawa: Nat. Mus. Canada
100. Fox, J. J. 1977. Roman Jakobson and the comparative study of parallelism. In *Roman Jakobson: Echoes of His Scholarship*, ed. J. D. Armstrong, C. H. van Schooneveld, pp. 59-90. Lisse: de Ridder
101. Fox, J. J., ed. 1988. *To Speak in Pairs: Essays on the Ritual Language of Eastern Indonesia*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
102. Friedrich, P. 1986. *The Language Parallax: Linguistic Relativism and Poetic Indeterminacy*. Austin: Univ. Texas Press
103. Gadamer, H.-G. 1960. *Truth and Method*. New York: Crossroads
104. Gal, S. 1989. Language and political economy. *Annu. Rev. Anthropol.* 18: 345-67
105. Garvin, P. L., ed. 1964. *A Prague School Reader in Esthetics, Literary Structure, and Style*. Washington, DC: Georgetown Univ. Press
106. Geertz, C. 1976. "From the native's point of view": on the nature of anthropological understanding. In *Meaning in Anthropology*, ed. K. H. Basso, H. A. Selby, pp. 221-37. Albuquerque: Univ. N. Mex. Press
107. Georges, R. 1981. Do narrators really digress? A reconsideration of "audience asides" in narrating. *West. Folklore* 40:245-52
108. Glassie, H. 1982. *Passing the Time in Ballymenone: Culture and History of an Ulster Community*. Philadelphia: Univ. Penn. Press
109. Goffman, E. 1974. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row
110. Goffman, E. 1981. *Forms of Talk*. Philadelphia: Univ. Penn. Press
111. Goodwin, C. 1981. *Conversational Organization: Interaction Between Speakers and Hearers*. New York: Academic
112. Goodwin, C. 1984. Notes on story structure and the organization of participation. In *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*, ed. J. M. Atkinson, J. Heritage, pp. 225-46. Cambridge: Cambridge Univ. Press
113. Goodwin, C. 1986. Audience diversity, participation and interpretation. *Veja Ref.* 89, pp. 283-316
114. Goodwin, M. H. 1980. "He-said-she-said": formal cultural procedures for the

- construction of a gossip dispute activity. *Am. Ethnol.* 9:76-96
115. Goodwin, M. H. 1982. "Instigating": storytelling as social process. *Am. Ethnol.* 9:799-819
116. Goodwin, M. H. 1985. The serious side of jump rope: conversational practices and social organization in the frame of play. *J. Am. Folklore* 98:315-30
117. Gossen, G. H. 1972. Chamula genres of verbal behavior. *Veja Ref.* 198, pp. 145-68
118. Gossen, G. H. 1974. *Chamulas in the World of the Sun: Time and Space in a Maya Oral Tradition*. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press
119. Grice, H. P. 1975. Logic and conversation. In *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*, ed. P. Cole, J. L. Morgan, pp. 41-48. New York: Academic
120. Grimshaw, A. D. 1981. Some problematic aspects of communication in crossracial racial research in the United States. In *Language as Social Resource*, by A. D. Grimshaw, selected and introduced by A. S. Dil, pp. 57-96. Stanford: Stanford Univ. Press
121. Grimshaw, A. D. 1989. *Collegial Discourse: Professional Conversation among Peers*. Norwood, N J: Ablex
122. Grimshaw, A. D., ed. 1990. *Conflict Talk: Sociolinguistic Investigations of Arguments in Conversations*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
123. Gumperz, J. J. 1982. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
124. Hanks, W. 1984. Sanctification, structure, and experience in a Yucatec ritual event. *J. Am. Folklore* 97:131-66
125. Hanks, W. F. 1987. Discourse genres in a theory of practice. *Am. Ethnol.* 14:668-92
126. Hanks, W. F. 1989. Text and textuality. *Annu. Rev. Anthropol.* 18:95-127
127. Haring, L. 1972. Performing for the interviewer: a study of the structure of context. *South. Folklore Q.* 36:383-98
128. Haring, L. 1988. Interperformance. *Fabula* 29:365-72
129. Haviland, J. 1986. "Con buenos chiles": talk, targets, and teasing in Zinacantan. *Veja Ref.* 89, pp. 249-82
130. Haviland, J. 1987. *Text from talk in Tzotzil*. Paper presented at Annu. Meet. Am. Anthropol. Assoc., 86th, Chicago
131. Haviland, J. 1990. "We want to borrow your mouth": Tzotzil marital squabbles. *Veja Ref.* 64.
132. Heath, S. B. 1983. *Ways with Words: Language, Life, and Work in Communities and Classrooms*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
133. Heidegger, M. 1971. *Poetry, Language, Thought*. Transl. A. Hofstadter. New York: Harper Colophon
134. Herzfeld, M. 1985. *The Poetics of Manhood: Contest and Identity in a Cretan Mountain Village*. Princeton: Princeton Univ. Press
135. Hill, J. 1985. The grammar of consciousness and the consciousness of grammar. *Am. Ethnol.* 12:725-37
136. Hill, J., Hill, K., 1986. *Speaking Mexicano: Dynamics of Syncretic Language in Central Mexico*. Tucson: Univ. Ariz. Press
137. Huizinga, J. 1955. *Homo Ludens*. Boston: Beacon
138. Hymes, D. H. 1962. The ethnography of speaking. In *Anthropology and Human Behavior*, ed. T. Gladwin, W. Sturtevant, pp. 15-53. Washington, DC: Anthropol. Soc. Wash.
139. Hymes, D. H. 1964. Toward ethnographies of communication. *Am. Anthropol.* 66(6): 1-34

140. Hymes, D. H. 1972. The contribution of folklore to sociolinguistic research. In *Toward New Perspectives in Folklore*, ed. A. Paredes, R. Bauman, pp. 42-50. Austin: Univ. Texas Press
141. Hymes, D. H. 1974. *Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Perspective*. Philadelphia: Univ. Penn. Press
142. Hymes, D. H. 1975. Breakthrough into performance. In *Folklore: Performance and Communication*, ed. D. Ben-Amos, K. S. Goldstein, pp. 11-74. The Hague: Mouton
143. Hymes, D. H. 1975. Folklore's nature and the sun's myth. *J. Am. Folklore* 88:346-69
144. Hymes, D. H. 1981. "In Vain I Tried to Tell You": *Essays in Native American Ethnopoetics*. Philadelphia: Univ. Penn. Press
145. Hymes, D. H. 1981. Some North Pacific Coast poems: a problem in anthropological philology. *Veja Ref.* 144, pp. 35-64
146. Hymes, D. H. 1985. Language, memory, and selective performance: Cultee's "Salmon's Myth" as twice told to Boas. *J. Am. Folklore* 98:391-434
147. Irvine, J. T. 1979. Formality and informality in communicative events. *Am. Anthropol.* 81:773-90
148. Irvine, J. T. 1989. When talk isn't cheap: language and political economy. *Am. Ethnol.* 16:248-67
149. Jakobson, R. 1957. *Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb*. Cambridge, MA: Harvard Univ. Russian Lang. Proj.
150. Jakobson, R. 1959. Linguistic aspects of translation. In *On Translation*, ed. R. A. Brower, pp. 232-39. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press
151. Jakobson, R. 1960. Closing statement: linguistics and poetics. In *Style in Language*, ed. T. A. Sebeok, pp. 350-77. Cambridge, MA: MIT Press
152. Jakobson, R. 1966. Grammatical parallelism and its Russian facet. *Language* 42:399-429
153. Jakobson, R. 1968. Poetry of grammar and grammar of poetry. *Lingua* 21:597-609
154. Jauss, H. R. 1982. *Toward an Aesthetic of Reception: Theory and Hiswry of Literature*, Vol. 2. Transl. T. Bahti. Minneapolis: Univ. Minn. Press
155. Kaleik, S. 1975. "... like Ann's gynecologist or the time I was almost raped": personal narratives in women's rap groups. *Veja Ref.* 90, pp. 3-11
156. Keenan, E. O. 1973. A sliding sense of obligatoriness: the polystructure of Malagasy oratory. *Lang. Soc.* 2:225-43
157. Keenan, E. O. 1976. On the universality of conversational implicatures. *Lang. Soc.* 5:67-80
158. Kratz, C. A. 1990. Persuasive suggestions and reassuring promises: emergent parallelism and dialogic encouragement in song. *J. Am. Folklore* 103:42-67
159. Kuipers, J. 1990. *The Power of Performance: The Creation of Textual Authority in Weydwa Ritual Speech*. Philadelphia: Univ. Penn. Press.
160. Labov, W. 1972. Rules for ritual insults. In *Rappin' and Stylin' Out: Communication in Urban Black America*, ed. T. Kochman, pp. 265-314. Urbana: Univ. Ill. Press
161. Langer, S. K. (1942). 1951. *Philosophy in a New Key*. New York: New American Library
162. Levine, L. W. 1977. *Black Culture and Black Consciousness: Afro-American Folk Thought from Slavery to Freedom*. Oxford: Oxford Univ. Press
163. Levinson, S. 1983. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge Univ. Press

164. Limón, J. E. 1982. History, Chicano joking, and the varieties of higher education: tradition and performance as critical symbolic action. *J. Folklore Inst.* 19:141-66
165. Limón, J. E. 1983. Legendry, metafolklore, and performance: a Mexican-American example. *West. Folklore* 42:191-208
166. Limón, J. E., Young, M. J. 1986. Frontiers, settlements, and development in folklore studies, 1972-1985. *Annu. Rev. Anthropol.* 15:437-60
167. Lord, A. B. 1960. *The Singer of Tales*. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press
168. Lucy, J. 1987. *From performance pragmatics to "Practical Pig."* Paper presented at Annu. Meet. Am. Anthropol. Assoc., 86th, Chicago
169. Lucy, L., ed. 1990. *Reflexive Language: Reported Speech and Metapragmatics*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
170. Malinowski, B. 1923. The problem of meaning in primitive languages. In *The Meaning of Meaning*, by C. K. Ogden I. A. Richards, pp. 296-336, London: Routledge & Kegan Paul
171. Malinowski, B. 1935. *Coral Gardens and Their Magic*, 2 Vols. London: Allen & Unwin
172. Malinowski, B. (1922). 1961. *Argonauts of the Western Pacific*. New York: Dutton
173. Mandelbaum, D. G., ed. 1949. *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture, and Personality*. Berkeley/Los Angeles: Univ. Calif. Press
174. Mannheim, B. 1986. Popular song and popular grammar, poetry and metalanguage. *Word* 37:45-75
175. Marcus, G., Fischer, M. M. J. 1986. *Anthropology as Cultural Critique: An Experimental Moment in the Human Sciences*. Chicago: Univ. Chicago Press
176. Matejka, L., Titunik, I. R., eds. 1976. *Semiotics of Art: Prague School Contributions*. Cambridge, MA: MIT Press
177. McDowell, J. H. 1973. Performance and the folkloric text: a rhetorical approach to "The Christ of the Bible." *Folklore Forum* 6:139-48
178. McDowell, J. H. 1979. *Children's Riddling*. Bloomington: Indiana Univ. Press
179. McDowell, J. H. 1981. The *corrido* of Greater Mexico as discourse, music, and event. In *"And Other Neighborly Names": Social Process and Cultural Image in Texas Folklore*, ed. R. Bauman, R. D. Abrahams, pp. 44-75. Austin: Univ. Texas Press
180. McDowell, J. H. 1983. The semiotic constitution of Kamsá ritual language. *Lang. Soc.* 12:23-46
181. McDowell, J. H. 1985. The poetic rites of conversation. *J. Folklore Res.* 22: 113-32
182. Mertz, E. 1990. Consensus and dissent in U.S. legal opinions: narrative structure and social voices. *Veja Ref.* 64.
183. Mishler, E. G. 1986. *Research Interviewing: Context and Narrative*. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press
184. Moerman, M. 1988. *Talking Culture: Ethnography and Conversation Analysis*. Philadelphia: Univ. Penn. Press
185. Moyne, E. J. 1963. *Hiawatha and Kalevala; A Study of the Relationship Between Longfellow's "Indian Edda" and the Finnish Epic*. Folklore Fellows Commun. 192. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia
186. Mukarovsky, J. 1977. *Structure, Sign, and Function: Selected Essays by Jan Mukarovsky*. Transl. and ed. J. Burbank, P. Steiner. New Haven: Yale Univ. Press

187. Mukarovsky, J. 1977. *The Word and Verbal Art: Selected Essays by Jan Mukarovsky*. Transl. and ed. J. Burbank, P. Steiner. New Haven: Yale Univ. Press
188. Myers, F. R. 1986. Reflections on a meeting: structure, language, and the polity in a small-scale society. *Am. Ethnol.* 13:430~.7
189. O'Ban', W. M. 1982. *Linguistic Evidence: Language, Power, and Strategy in the Courtroom*. New York: Academic
190. O'Ban', W. M., Conley, J. M. 1985. Litigant satisfaction versus legal adequacy in small claims court narratives. *Law Soc. Rev.* 19:661-702
191. Ochs, E. 1979. Transcription as theory. In *Developmental Pragmatics*, ed. E. Ochs, B. Schieffelin, pp. 43-72. New York: Academic
- 191a. Ochs, E. 1984. Clarification and culture. In *Meaning, Form, and Use in Context: Linguistic Applications*, ed. D. Schiffrin, pp. 325-41. Washington, DC: Georgetown Univ. Press
192. Paine, R., ed. 1981. *Politically Speaking: Cross-Cultural Studies of Rhetoric*. Philadelphia: ISHI
193. Paredes, A. 1966. The *décima* on the Texas-Mexican border: folksong as an adjunct to legend. *J. Folklore Inst.* 3:154-.67
194. Paredes, A. 1966. The Anglo-American in Mexican folklore. In *New Voices in American Studies*, ed. R. Browne, pp. 113-28. Lafayette: Purdue Univ. Press
195. Paredes, A. 1968. Folk medicine and the intercultural jest. In *Spanish Speaking People in the United States. Proc. 1968 Annu. Spring Meet. Am. Ethnol. Soc.*, ed. J. Helm, pp. 104-19. Seattle: Univ. Wash. Press
196. Paredes, A. 1974. Jos6 Mosqueda and the folklorization of actual events. *Aztlan* 4:1-29
197. Paredes, A. 1977. On ethnographic work among minority groups: a folklor-folklorist's perspective. *New Scholar* 7:1-32
198. Paredes, A., Bauman, R., eds. 1972. *Toward New Perspectives in Folklore*. Austin: Univ. Texas Press
199. Parkin, D. 1984. Political language. *Annu. Rev. Anthropol.* 13:345-65
200. Parmentier, R. 1989. *The semiotics of ritual performativity*. Paper presented at Annu. Meet. Am. Anthropol. Assoc., 88th, Washington, DC
201. Parry, M. 1971. *The Making of Homeric Verse: The Collected Papers of Milman Parry*, ed. A. Parry. Oxford: Clarendon Press
202. Philips, S. U. 1985. Strategies of clarification in judges' use of language: from the written to the spoken. *Discourse Process.* 8:421-36
203. Philips, S. U. 1986. Reported speech as evidence in an American trial. In *Languages and Linguistics: The Interdependency of Theory, Data, and Application*, ed. D. Tannen, J. E. Alatis, Washington, DC: Georgetown Univ. Press
204. Philips, S. U. 1987. The concept of speech genre in the study of language and culture. *Work. Pap. Proc. Cent. Psychosoc. Stud.* 11:25-34
205. Preston, D. 1982. 'Ritin' folklower daun 'rong: folklorists' failures in phonology. *J. Am. Folklore* 95:304-26
206. Proschan, F. 1981. Puppet voices and interlocutors: language in folk puppetry. *J. Am. Folklore* 94:527-55
207. Rabinow, P., Sullivan, W. M., eds. 1987. *Interpretive Social Science: A Second Look*. Berkeley/Los Angeles: Univ. Calif. Press
208. Ravenhill, P. L. 1976. Religious utterances and the theory of speech acts. In *Language in Religious Practice*, ed. W.J. Samarin, pp. 26-39. Rowley, MA:

Newbury House

209. Rosaldo, M. Z. 1982. The things we do with words: Ilongot speech acts and speech act theory in philosophy. *Lang. Soc.* 11:203-35
210. Roseman, M. 1988. The pragmatics of aesthetics: the performance of healing among the Senoi. *Temiar. Soc. Sci. Med.* 27:811-18
211. Rothenberg, J., Rothenberg D., eds. 1983. *Symposium of the Whole: A Range of Discourse Toward an Ethnopoetics*. Berkeley/Los Angeles: Univ. Calif. Press
212. Sacks, H. 1974. An analysis of the course of a joke's telling in conversation. *Veja Ref.* 38, pp. 337-53
213. Sacks, H., Schegloff, E. A., Jefferson, G. 1974. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language* 50:696-735
214. Sapir, E. 1921. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace & World
215. Saussure, F. de. (1916). 1959. *A Course in General Linguistics*. Transl. W. Baskin. New York: McGraw-Hill
216. Schegloff, E. A. 1968. Sequencing in conversational openings. *Am. Anthropol.* 70:1075-95
217. Schegloff, E. A. 1982. Discourse as an interactional achievement: some uses of "uh huh" and other things that come between sentences. In *Analyzing Discourse: Text and Talk*, ed. D. Tannen, pp. 71-93. Georgetown: Georgetown Univ. Press
218. Schifffrin, D. 1988. Conversation analysis. In *Linguistics: The Cambridge Survey*, Vol. 4, *Language: The Sociocultural Context*, ed. F. J. Newmeyer, pp. 251-76. Cambridge: Cambridge Univ. Press
219. Searle, J. 1969. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
220. Searle, J. 1976. The classification of illocutionary acts. *Lang. Soc.* 5:1-23
221. Searle, J. 1979. *Expression and Meaning*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
222. Seeger, A. 1987. *Why Suyd Sing: A Musical Anthropology of an Amazonian People*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
223. Sherzer, J. 1983. *Kuna Ways of Speak- Speaing*. Austin: Univ. Texas Press
224. Sherzer, J. 1987. A discourse-centered approach to language and culture. *Am. Anthropol.* 89:295-309
225. Sherzer, J. 1990. *Verbal Art in San Blas: Kuna Culture through Its Discourse*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
226. Sherzer, J., Woodbury, A. C., eds. 1987. *Native American Discourse: Poetics and Rhetoric*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
227. Shuman, A. 1986. *Storytelling Rights: The Uses of Oral and Written Texts by Urban Adolescents*. Cambridge: Cambridge Univ. Press
228. Silverstein, M. 1976. Shifters, linguistic categories, and cultural description. In *Meaning in Anthropology*, ed. K. H. Basso, H. A. Selby, pp. 11-55. Albuquerque: Univ. N. Mex. Press
229. Silverstein, M. 1979. Language structure and linguistic ideology. In *The Elements: A Parasession on Linguistic Units and Levels*, ed. P. R. Clyne, W. Hanks, C. L. Hofbauer, pp. 193-247. Chicago: Chicago Linguist. Soc.
230. Silverstein, M. 1981. Metaforces of power in traditional oratory. Lecture to Dept. Anthropol., Yale Univ., New Haven, CT
231. Silverstein, M. 1984. On the pragmatic "poetry" of prose: parallelism, repetition, and cohesive structure in the time course of dyadic conversation. In *Meaning, Form,*

- and Use in Context: Linguistic Applications*, ed. D. Schiffrin, pp. 181-99. Georgetown: Georgetown Univ. Press
232. Silverstein, M. 1985. Language and the culture of gender: at the intersection of structure, usage, and ideology. In *Semiotic Mediation*, ed. E. Mertz, R. Parmentier, pp. 219-59. Orlando: Academic
233. Silverstein, M. 1985. The culture of language in Chinookan narrative texts; or, on saying that..., in Chinook. In *Grammar Inside and Outside the Clause*, ed. J. Nichols, A. C. Woodbury. pp. 132-71, Cambridge: Cambridge Univ. Press
234. Silverstein, M. 1988. *The indeterminacy of contextualization: when is enough enough?* Paper presented at Conf. Contextualization of Language, Universitat Konstanz
235. Stewart, K. 1988. Nostalgia- a polemic. *Cult. Anthropol.* 3:227-41
236. Stoeltje, B. J. 1985. The rodeo clown and the semiotics of metaphor. *J. Folklore Res.* 22:155-77
237. Stoeltje, B. J., Bauman, R. 1988. The semiotics of folkloric performance. In *The Semiotic Web 1987*, ed. T. A. Sebeok, J. Umiker-Sebeok, pp. 585-99. Berlin: deGruyter
238. Stoller, P. 1984. Sound in Songhay cultural experience. *Am. Ethnol.* 11: 559-70
239. Stone, R. M. 1988. *Dried Millet Breaking: Time, Words, and Song in the Wqi Epic of the Kpelle*. Bloomington: Indiana Univ. Press
240. Tannen, D. 1984. *Conversational Style: Analyzing Talk Among Friends*. Norwood, NJ: Ablex
241. Tedlock, B. 1980. Songs of the Zuni Kachina Society: composition, rehearsal, performance. In *Southwestern Indian Ritual Drama*, ed. C. Frisbie, pp. 7-35. Albuquerque: Univ. N. Mex. Press
242. Tedlock, D. 1983. *The Spoken Word and the Work of Interpretation*. Philadelphia: Univ. Penn. Press
243. Tedlock, D. 1989. Ethnopoetics. In *International Encyclopedia of Communications*, ed. E. Barnouw, 2:116-17. Oxford: Oxford Univ. Press
244. Tompkins, J. P., ed. 1980. *Reader-Response Criticism: From Formalism to Post-Structuralism*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press
245. Turner, V. W. 1969. *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. London: Routledge & Kegan Paul
246. Turner, V. W. 1974. *Dramas, Fields, and Metaphors*. Ithaca: Cornell Univ. Press
247. Urban, G. 1984. Speech about speech in speech about action. *J. Am. Folklore* 97:310-28
248. Urban, G. 1986. Ceremonial dialogues in South America. *Am. Anthropol.* 88: 371-86
249. Urban, G. 1987. On the "psychological reality of the text." Paper presented at Annu. Meet. Am. Anthropol. Assoc., 86th, Chicago
250. Urban, G. 1988. Ritual wailing in Amerindian Brazil. *Am. Anthropol.* 90: 385-400
251. Volosinov, V. N. (1930) 1973. *Marxism and the Philosophy of Language*. Transl. L. Matejka, I. R. Titunik. New York: Seminar Press
252. Weigle, M. 1978. Women as verbal artists: reclaiming the sisters of Enheduanna. *Frontiers* 3:1-9
253. Williams, R. 1977. *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford Univ. Press
254. Young, K. G. 1987. *Taleworlds and Storyrealms: The Phenomenology of Narrative*. Dordrecht: Martinus Nijhoff

